

Futuros da História da Arte: 50 anos do CBHA

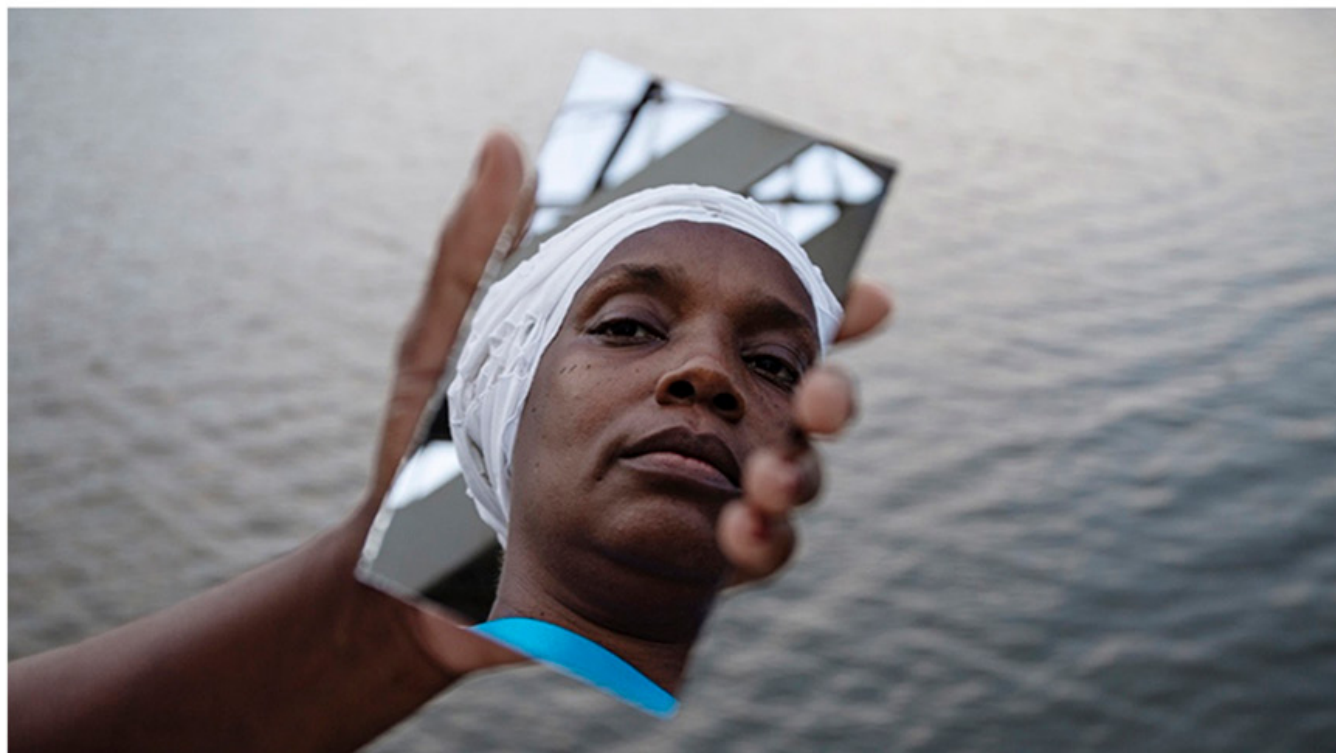


Imagem: Aline Motta, (Outros) Fundamentos, 2017-2019

Anais | Edição especial

42º Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte
07 a 12 de novembro de 2022 - Rio de Janeiro, Brasil

Locais de realização:
Universidade Federal do Rio de Janeiro
Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro



Futuros da História da Arte: 50 anos do CBHA

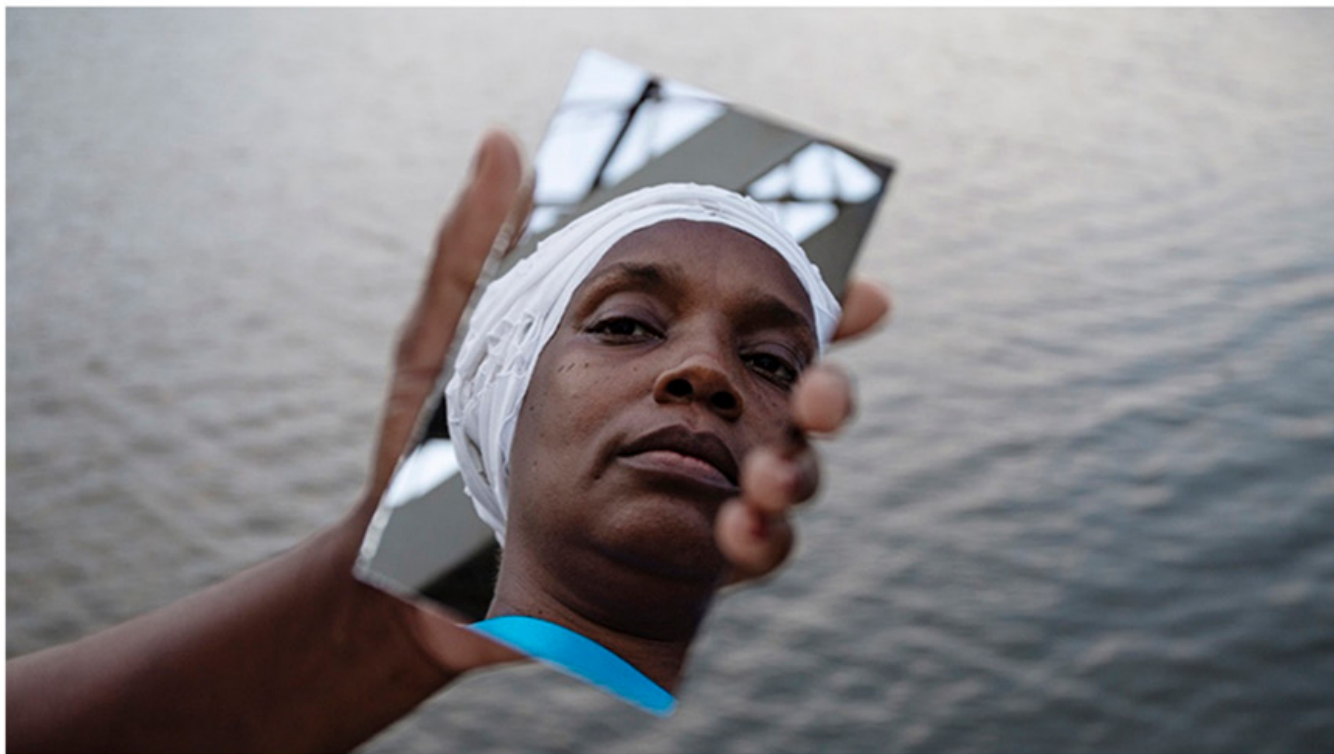


Imagem: Aline Motta, (Outros) Fundamentos, 2017-2019

Anais | Edição especial

42º Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte
07 a 12 de novembro de 2022 - Rio de Janeiro, Brasil

Locais de realização:
Universidade Federal do Rio de Janeiro
Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro



Organização



Apoio



42º COLÓQUIO DO COMITÊ BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA ARTE (2022)

PRESIDÊNCIA DE HONRA (*in memoriam*) – Walter Zanini

DIRETORIA DO CBHA (2023-2025)

Presidente - Vera Maria Pugliese de Castro (UnB/CBHA)
Vice-presidente - Eduardo Ferreira Veras (UFRGS/CBHA)
Secretário - Ivair Junior Reinaldim (UFRJ/CBHA)
Tesoureira - Daniela Pinheiro Machado Kern (UFRGS/CBHA)

DIRETORIA DO CBHA (2020 - 2022)

Presidente - Marco Antonio Pasqualini de Andrade (UFU/CBHA)
Vice-Presidente - Neiva Maria Fonseca Bohns (UFPeL/CBHA)
Secretária - Rogéria Moreira de Ipanema (UFRJ/CBHA)
Tesoureiro - Arthur Gomes Valle (UFRRJ/CBHA)

COMISSÃO ORGANIZADORA DO 42º COLÓQUIO DO CBHA- 2022

Presidente - Marco Antonio Pasqualini de Andrade (UFU/CBHA)
Angela Brandão (UNIFESP/CBHA)
Arthur Gomes Valle (UFRRJ/CBHA)
Camila Carneiro Dazzi (CEFET-RJ/CBHA)
Fernanda Pequeno (UERJ/CBHA)
Ivair Junior Reinaldim (UFRJ/CBHA)
Neiva Bohns (UFPeL/CBHA)
Rogéria Moreira de Ipanema (UFRJ/CBHA)
Sheila Cabo Geraldo (UERJ/CBHA)

COMITÊ CIENTÍFICO DO 42º COLÓQUIO DO CBHA- 2022

Elisa Souza Martinez (UnB/CBHA)
Maria Izabel Branco Ribeiro (FAAP/CBHA)
Maria Inez Turazzi (IBRAM/CBHA)
Paulo Knauss de Mendonça (UFF/CBHA)
Rita Lages (UFMG/CBHA)

COMISSÃO ORGANIZADORA DO PRÊMIO CBHA DE TESES/ 2022

Camila Carneiro Dazzi (CEFET-RJ/CBHA)
Dária Jaremtchuk (USP/CBHA)
Maria de Fátima Morethy Couto (UNICAMP/CBHA)
Paula Ramos (UFRGS/CBHA)
Vera Beatriz Siqueira (UERJ/CBHA)

COMISSÃO ORGANIZADORA DOS ANAIS DO 42º COLÓQUIO DO CBHA

Daniela Pinheiro Machado Kern (UFRGS/CBHA)
Eduardo Ferreira Veras (UFRGS/CBHA)
Fernanda Pequeno da Silva (UERJ/CBHA)
Rogéria Moreira de Ipanema (UFRJ/CBHA)

IMAGEM: Aline Motta, (*Outros Fundamentos*, 2017-2019).

DIAGRAMAÇÃO: Thaís Franco

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C72 - Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte (42: 2022)

Anais do 42º Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte - Futuros da História da Arte: 50 anos do CBHA, Rio de Janeiro, 7-12 nov. 2022. (Organizadores: Vera Marisa Pugliese de Castro, Eduardo Ferreira Veras, Ivair Junior Reinaldim, Daniela Pinheiro Machado Kern, Fernanda Pequeno da Silva e Rogéria Moreira de Ipanema. Porto Alegre: Comitê Brasileiro de História da Arte, 2023 [2022].

Vários autores

1367 p. 21x29,7 cm: ilustrado

ISSN: 2236-0719

<https://doi.org/10.54575/cbha.42>

1. História da Arte. I. Comitê Brasileiro de História da Arte. II. Anais do 42º do Colóquio do CBHA.

CDD: 709.81

Os textos dos artigos e as imagens reproduzidas nesta publicação são de responsabilidade dos respectivos autores.

Comitê Brasileiro de História da Arte (filiação ao *Comité Internationale de Histoire de l'Art*).

<http://www.cbha.art.br/index.html>

e-mail:cbha.secretaria@gmail.com

Fragmentos para o futuro: Artes Visuais e Musealização a partir do Museu das Remoções

Tatiana da Costa Martins, Universidade Federal do Rio de Janeiro/
<https://orcid.org/0000-0002-9891-7313>
tatianacm@eba.ufrj.br

Resumo

O tema circunscreveu relações entre Artes Visuais, Patrimônio/Monumento e Museus/Musealização a partir do Museu das Remoções. Analisamos, portanto, as dimensões do Contemporâneo elegendo como referência a imagem-monumento Placa Marielle Franco que ativou a noção de Monumento menor. Ainda, o Museu das Remoções, distópico por natureza, permitiu compreender a validade de sua permanência paradoxalmente por sua condição transitória. Em seguida, propusemos refletir sobre dois momentos da institucionalização do Museu das Remoções. Nesse processo, abordamos o circuito contemporâneo, posto em rede, no qual há de se apontar para a musealização dos vestígios de demolição da Vila Autódromo pelo Museu Histórico Nacional e para a produção da videoarte exposta por ocasião da mostra no Museu de arte do Rio, com a curadoria do Moacir dos Anjos, Arte Democracia Utopia - Quem não luta tá morto

Palavras-chave: Artes Visuais . Monumento. Patrimônio. Museu. Contemporâneo.

Abstract

The theme circumscribed relations between Visual Arts, Heritage/Monument and Museums/musealization from the Museu das Remoções. We analyze, therefore, the dimensions of the Contemporary electing as reference the image-monument Plate Marielle Franco that activated the notion of Minor Monument. We proposed to reflect on two moments of the institutionalization of the Museu das Remoções. In this process, we approach the contemporary circuit, networked, in which we must point to the musealization of the remains of demolition of the Vila Autódromo by the Museu Histórico Nacional (2017) and for the production of the video art exhibited on the occasion of the exhibition at the Museu de Arte do Rio, curated by Moacir dos Anjos, Arte Democracia Utopia - Quem não luta está Morto (2018).

Keywords: Visual Arts. Monument. Heritage. Museum. Contemporary.

Fragmentos para o futuro: Artes Visuais e Musealização a partir do Museu das Remoções

A presente comunicação trata das relações entre Artes Visuais, Museus e Patrimônios reconfigurados no Contemporâneo de modo a permitir “o entendimento de que todo objeto material considerado como arte ou patrimônio vive em permanente estado de fluxo, definindo-se tanto como produto quanto como processo” (CBHA, sessão temática 4). Dado que compreender e dimensionar orientam pesquisas em História da Arte, cabe destacar que a proposta temática busca revelar os marcadores da contemporaneidade que determinam, em solo comum, as práticas das Artes Visuais, Patrimoniais e Museológicas.

Pensar o Museu das Remoções (MdR) não como objeto de análise isolado de suas circunstâncias, mas como condutor de questionamentos e a relevância do ‘a partir de’ do título aponta para a recolocação de objetos/temas e de práticas em situações distintas, porém conexas. Trata-se, inicialmente, de redesenhar as linhas de força que culminam em acontecimentos ou eventos que se assemelham e são resultantes da violência de estado e pensar a força dos enunciados e práticas que a ela [violência] resistem. A resistência ganha corpo e passa a oferecer sentido e significação para imagens e objetos. A memória da comunidade que teve suas casas desapropriadas e removidas pela Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro ganha vozes e enunciados. O MdR anuncia que memória não se remove. E seguindo este dito, convocamos a alma dessas ruas para falar de monumentos [Placa de rua Marielle Franco], museus [MdR], Museu Histórico Nacional (MHN) e artes visuais [curadoria e produção artística] no Museu de Arte do Rio (MAR).

Analisamos o lastro das estratégias que envolvem o MdR, considerando a distopia que emerge na atualidade como resultado de políticas públicas e cujo sentido pode atravessar produções artísticas e convocar a elaboração de novas práticas patrimoniais e museológicas. Em seguida, apoiamos nossa análise em dois momentos de trânsito institucional do MdR, a saber, a musealização de fragmentos de arquitetura ou vestígios de demolição da Vila Autódromo pelo MHN, em 2017, e a participação do MdR na exposição Arte Democracia Utopia - Quem não luta tá morto, com a curadoria do Moacir dos Anjos, no MAR, em 2018.

Os temas foram reunidos à luz das relações que sustentam a premissa de uma arte menor – conforme o curador de arte Moacir dos Anjos em trânsito direto aos aspectos da Literatura menor de Félix Guattari e Gilles Deleuze. Sobre a Literatura menor, os filósofos dedicaram-se a escrita de Franz Kafka. A abordagem traz menos uma análise sobre o estranho manejo da língua alemã pelo escritor Tcheco e mais sobre os aspectos

que circunscrevem os sinais trocados maior e menor. Os sinais de mais e de menos operam o confronto entre grandes conjuntos canônicos em literatura e as características equívocas a eles. A problematização dos filósofos revela os aspectos fundamentais daquela literatura menor: impossibilidade de não escrever, traços político naquela escritura e verve coletiva da escrita (DELEUZE; GUATTARI, 2022). Moacir dos Anjos faz deslizar tal operação de registros trocados para arte e para curadoria assinalando-as como minoritárias. O menor – qualidade oriunda das marcações de valor hierárquico - comporia gama infinita de produções que se colocam no enfretamento dos cânones forjados pela narrativa hegemônica, subscrita pelo artístico, histórico, patrimonial e museológico.

O MdR seguiu como vórtice da questão que orienta este trabalho. Inicialmente, ao pesquisar o museu, a visualidade mostrou recorrentemente signos da cidade, dentre os quais, estão a placa sinalizadora das ruas de padrão retangular nas cores azul escuro e branca com dados informativos de caráter técnico. Assim, a imagem referência permitiu entrever a problemática disputa que pauta a ocupação de territórios, a quase impossibilidade de existir na cidade desigual e a resistência que ativa o corpo político. Como nos alerta Moacir dos Anjos, os temas arte e curadoria, quando menores, resistem à positividade hegemônica produzindo outras táticas poéticas e políticas e aos quais acrescentamos o patrimônio na figura do monumento menor cujas irradiações aparecem na seguinte ordem: Imagem-monumento de Marielle Franco; Memória não se remove: Museu das Remoções; Utópico e distópico em exposição.

Imagem-monumento: placa Marielle Franco (por um monumento menor)

Em 2018, no mês de março, Marielle Franco e Anderson Gomes, vereadora e seu motorista, foram brutalmente assassinados após evento Jovens Negras Movendo as Estruturas realizado na Casa das Pretas (INSTITUTO MARIELLE FRANCO). O crime aconteceu na Rua Joaquim Palhares no Estácio de Sá na cidade do Rio de Janeiro. A mesma cidade sediara orgulhosamente o ultraevento Olimpíadas dois anos antes apesar da duvidosa atuação das políticas públicas. Os dois acontecimentos possuem natureza oposta e fazem sobrepor seus termos: morte e celebração. A execução de Marielle Franco, ainda sem solução, punge a memória da cidade do Rio de Janeiro e faz introduzir uma modalidade, com definição provisória, de celebração: Imagem-monumento.

Após 6 meses do violento desaparecimento da vereadora, a prefeitura renomeia em sua homenagem a rua onde ocorreu o crime. Em tempos extremos e, talvez, distópicos a placa sinalizadora foi quebrada em ato público marcado pelo oportunismo político

da extrema-direita que descobrimos existir plenamente entre nós. A imagem da placa com o nome de Marielle Franco multiplicou-se, tornando-se um quase-objeto ou a imagem-monumento.



Figura 1.

Fotografia dos atos pela Memória de Marielle pelo Brasil e pelo Mundo #1AnoSemMarielle.

Fonte: Rio on Watch (<https://rioonwatch.org.br/?p=39452>)

A definição recorrente de monumento é posta por Françoise Choay, como base da construção de Patrimônio. Nas considerações da autora, Patrimônio, dada sua constituição amorfa, deve ser orientado pela 'zona semântica': "Monumento: O sentido original do termo é do latim monumentum, que por sua vez deriva de monere ('advertir', 'lembrar'), aquilo que traz à lembrança alguma coisa". (1992, p. 17) A lembrança, para a autora, entrelaça-se ao afeto: "não se trata de apresentar, de dar uma informação neutra, mas tocar, pela emoção, uma memória viva" e possui natureza comum, de modo a "chamar-se-á monumento tudo que for edificado por uma comunidade de indivíduos para lembrar ou fazer que outras gerações de pessoas rememorem acontecimentos, sacrifícios, ritos ou crenças" (1992, p. 17). A autora revela que a especificidade do monumento é devida à atuação sobre a memória. O monumento é um modo de realizar no presente certo encantamento do passado e especificamente

trata de preservar a identidade de uma comunidade étnica ou religiosa, nacional, tribal ou familiar e funciona como “desafio à entropia, à ação dissolvente que o tempo exerce sobre todas as coisas naturais e artificiais, ele tenta combater a angústia da morte e do aniquilamento” (CHOAY, 1992, p. 17-18).

A partir de intrincada definição, podemos caracterizar o monumento contemporâneo como afetivo e dissolvente tornado real exclusivamente através de disputas entre os setores da sociedade. O afeto e a preservação são resposta à tentativa de aniquilamento daquela identidade tão potente e necessária – a mulher negra - ao violento ato da extrema-direita de quebrar a placa indicativa do nome da rua onde o triste episódio aconteceu.



Figura 2.

Fotografia de manifestantes homenageando Marielle Franco em evento no Centro do Rio de Janeiro (14 de outubro de 2018)

Fonte: Rede Brasil Atual (<https://www.redebrasilatual.com.br/cidadania/ato-no-rio-distribui-mil-placas-com-nome-de-marielle-em-uma-hora/>)

Das ruas para as residências, as placas que primeiro foram distribuídas e depois comercializadas, transformaram-se no símbolo de resistência e indignação e passaram a habitar outros espaços. Cada casa, cada sala revela o lugar especial e afetivo – entre retratos familiares e objetos de arte – que enlaçam memória e visualidade. A

multiplicação da imagem sustenta a monumentalidade requerida para o objeto que faz vibrar não apenas passado, mas especialmente o presente quase infundável do contemporâneo.



Figura 3.

Placas Marielle Franco em residências

Fonte: Juliana Bach; Larissa Martins; Maurício Santos; Maria Siman; Marielen de Lima Silva; Lucia Machado; Christiane Lole; Reinaldo Medeiros; Camila Fant.

Por que imagem? Seguimos com o filósofo francês Jean-Luc Nancy quando refere-se à imagem como o entrelace de produção e participação que consiste na aproximação com o sonoro: “Na imagem, o visual e o sonoro partilham um com o outro suas valências, comunicam seu acento” (NANCY, 2015, p.56). Ciente da base comum a todas as artes o “excesso de profusão e partilha originária do sentido e da verdade” (NANCY, 2015, p.56), Nancy perfaz sua cesura na “invenção ou intensificação de cada registro de sentido por exclusão de outros registros” (NANCY, 2015, p. 56). Apesar de excludentes, existe certa ordem – por contraste - que os aproxima. A estratégia do filósofo reside em fazer movimentar os registros em arte para que a ressonância, em sua leveza e indeterminação, seja o modo de interpenetrá-los. E assim entendemos a qualidade da imagem-monumento: a fluidez – leve e indeterminada - a potencializa.

Por que imagem-monumento? O desejo de lembrar, a necessidade de conservar a memória, o afeto movente e decisivo criaram esta modalidade provisória para pensar o monumento. A imagem-monumento só é possível porque é também um monumento menor.



Figura 4.

Inauguração de placa em homenagem a Marielle Franco na Praça Floriano, no centro do Rio de Janeiro (14.mar.2021)

Fonte: Divulgação/Prefeitura do Rio

Em 2021, o monumento oficial da prefeitura da cidade do Rio de Janeiro foi inaugurado e consistiu em materializar, sob a tutela do poder público, aquilo que já fora profunda e carinhosamente acolhido pela sociedade como memória de Marielle Franco. E memória não se quebra e tampouco se remove.

Memória não se remove: Museu das Remoções

O Museu das Remoções, decorrente da reação necessária à catastrófica política pública voltada para as Olimpíadas sediada na cidade do Rio de Janeiro em 2016, ativa a memória como dispositivo de resistência e recriação poética do território Vila Autódromo. Aquela localidade arruinada e quase aniquilada revolve a noção

de temporalidade de matizes modernos e sustentada pelos conceitos espaço de experiência/ horizonte de expectativa, conforme o historiador Reinhart Koselleck, ao constatar na memória rota de fuga ao debate de via binária e linear destruição e restituição. Sair da proposição binária significa sentir a impossibilidade do futuro em razão do abismo que se tornou o presente. O historiador François Hartog pergunta “O que o historiador pode propor?” (2013, p.11). Assim, o presentismo, categoria provisória que intenta responder à indagação coloca-se como:

um horizonte aberto ou fechado: aberto para cada vez mais aceleração e mobilidade, fechado para uma sobrevivência diária e um presente estagnante. A isso, deve-se ainda acrescentar outra dimensão de nosso presente: a do futuro percebido não mais como promessa, mas como ameaça sob a forma de catástrofes, de um tempo de catástrofes que nós mesmos provocamos (HARTOG, 2013, p. 15).



Figura 5.

A moradora Penha caminha entre os escombros da Vila Autódromo

Fonte: El País. https://brasil.elpais.com/brasil/2015/06/20/politica/1434753946_363539.html

Idealizado pela comunidade e organizado a partir da perspectiva da museologia social pelo museólogo e ativista social Thainã de Medeiros (MdR), o MdR nasce como resistência contra a política urbana adotada na preparação para as Olimpíadas Rio 2016. E sua missão assinala dois aspectos: a preservação da memória destas pessoas

removidas e suas histórias; e a instrumentalização das lutas das comunidades ameaçadas de remoção.

O MdR promove atividades cujo foco reside na resistência que se orienta, em certa medida, pelas artes visuais e oferece oficinas, teatro, exposições, projeções, saraus, e múltiplas manifestações artísticas (MdR) e conforme expresso no Plano Museológico: “O Museu das Remoções é um museu a céu aberto, que nasceu e se desenvolve na Vila Autódromo, uma comunidade localizada na Zona Oeste do Rio de Janeiro, às margens da lagoa de Jacarepaguá e ao lado do antigo Autódromo de Jacarepaguá, o qual deu origem ao seu nome” (PLANO MUSEOLÓGICO, 2016, p. 9). Os acontecimentos relacionados à criação do MdR são recorrentes na esfera das políticas públicas e decorrem especialmente a partir da forte divisão social do país e da cidade do Rio de Janeiro que se acostumou às remoções e desapropriações como política de habitação em que quase sempre a força policial é utilizada.

As marcas das demolições realizadas entre 2014 e 2016 revelam traços característicos das Artes visuais, por exemplo, no território da Área de Especial Interesse Social (AEIS), demarcado no entorno das novas residências dos moradores que resistiram e permanecem na Vila Autódromo, encontram-se as ruínas das casas removidas. A natureza artística do circuito é redobrada em sua potência. A título de descrição do percurso, colocam-se as onze ruas originais da comunidade com as plantas de quatro casas impressas em negativo.



Figura 6.
Ruínas Percurso no MdR
Fonte: MdR

A ruína esteve presente como imagem/alegoria nas artes visuais enlaçada à percepção do tempo. Como exemplo, evocamos a narrativa de Jean Starobinski sobre a fascinação do sujeito do século XVIII por temas seculares: ruína e cárcere que expressavam a finitude da existência e a privação da liberdade respectivamente (2001, p.143). O breve comentário supõe a localização da ruína no escopo da problemática das Artes visuais tecendo marcas das temporalidades das culturas que organizaram analíticas transversais e refratárias à cronologia diacrônica. Assim, aquelas ruínas atemporais do MdR ativam e revolvem a produção contemporânea em Artes, especialmente, por evidenciar o horizonte da distopia.

Os espaços distópicos fazem parte do percurso de visitação do Museu das Remoções e deixam transparecer toda a violência imposta aos moradores (MdR). Afirmamos sem receio que os espaç os são musealizados. Ainda sobre musealização em tempos quase distópicos, relatamos outro episódio: a doação dos vestígios da demolição da Vila do Autódromo para o MHN em 18 de maio de 2017. Nesse dia, celebrava-se um ano de inauguração do MdR.



Figura 7.

Doa o das peças do MdR, 2017

Fonte: MHN

O entendimento de que os vestígios de demolições faziam parte do processo recorrente de luta contra silenciamentos e opressões é importante para a manutenção

do caráter de resistência do museu e reverbera o papel do MHN – certamente lacunar considerando o eixo identidade nacional – na contemporaneidade e sua atenção às realidades locais/nacionais.

A transitividade material e institucional do MdR apresenta, ainda, a possibilidade de reformular do conceito de heterotopia (Michel Foucault) para museus-patrimônios a partir da dimensão distópica. A heterotopia relacionada aos Museus conforme conferência de Foucault, em 1967, intitulada *Outros Espaços*, relacionava-se ao acúmulo do tempo nos museus do século XIX. O filósofo dimensionava o tempo formado por diversas camadas em um espaço criado à luz do progresso que moldou aquele século: o museu. Não seria portanto adequado, do modo como consideramos, apropriar-se da heterotopia do tempo para conceber os museus do século XXI. Os museus no século XXI assumem ou deveriam assumir como função o enfrentamento de sua realidade, a situação do seu entorno e a realização dos processos museológicos (aquisição, catalogação, preservação) amparados por outros marcadores que expressam a necessidade de compreender a criação de objetos que encarnam situações liminares.

Para isso, recolocamos em discussão os futuros dos fluxos dos objetos de perfil artístico, museológico e patrimonial cuja chave de leitura repousa, a nosso ver, na concepção [menor] de Memória movente, ativa e poética e assentada na distopia.

Utópico e distópico em Exposição: Arte Democracia Utopia

A exposição *Arte Democracia e Utopia: quem não luta tá morto* foi realizada sob a curadoria de Moacir dos Anjos, em 2018, no Museu de Arte do Rio. A relação entre concepções teóricas e atuações práticas corresponde à síntese daquilo que o curador nomeia de arte menor cuja mostração reside na curadoria menor:

A arte menor adiciona, dessa maneira, inflexões e sotaques específicos para a chamada língua internacional da arte, aquela que, forjada e difundida desde as instituições e instâncias de mercado detentoras de maior e mais extenso poder simbólico e material, reproduz seus valores particulares e contingentes como se fossem consensuais e permanentes. A arte menor é, portanto, lugar de disputa constante em torno da historicidade do mundo; de locução crítica frente a manifestações atualizadas de violências cometidas também em outros tempos. [...] a partir do campo da prática curatorial, pode-se atuar criticamente nesse mesmo espaço de manifestação de diferenças, fazendo-se de uma curadoria menor outra estratégia de resistência possível em um mundo globalizado (ANJOS, 2017, p.157, grifo nosso)

A exposição apresentou trabalhos situados na liminaridade das artes, práticas sociais e patrimônio/museu. De acordo com o texto institucional, não houve a pretensão de indicar um “panorama conclusivo” de modo a significar a arte contemporânea, a exposição lidou com a vocação do pensamento utópico como marca da contemporaneidade em arte apresentou, preferencialmente: “Trabalhos artísticos realizados em momentos passados também estiveram presentes, além de propostas e ações realizadas por grupos comunitários, associações e outras articulações da sociedade civil que visam a construção de estruturas de atuação política e social” (MUSEU DE ARTE DO RIO, 2018). Certamente, o pensamento utópico deriva da realidade distópica cuja experiência é da ordem da quase impossibilidade e, assim como no MdR, os trabalhos exibidos na exposição escapam da quase impossibilidade e organizam-se em torno do par utópico/distópico expresso pela vinculação das práticas artísticas às organizações sociais/políticas de modo a formar um corpo resistente.



Figura 8.
Arte Democracia Utopia: quem não luta tá morto, 2018
Crédito: Tatiana Martins
Fonte: MAR

Entendemos, portanto, a lógica dos sinais maior e menor trocados, trazida pelo curador, que já trabalhara tal perspectiva na 29ª Bienal de São Paulo no ano de 2010 e a descrevera assim:

É possível aqui destacar que também a prática curatorial pode assumir um caráter minoritário perante os embates simbólicos que marcam o espaço globalizado contemporâneo. [...] mas igualmente na acepção mais ampla em que a arte é tomada como algo (uma imagem, um objeto, um gesto) capaz de desafiar consensos em torno dos quais a vida se organiza e se reproduz, esteja ou não a tratar explicitamente de temas relacionado a embates e conflitos (ANJOS, 2017, p. 158).

Embates e conflitos reverberados na tessitura de projetos como *Alma de Bronze* de Virgínia de Medeiros que produziu série fotográfica — *Guerrilheiras* — e instalação sonora — *Quem não Luta tá Morto*, e que condensa experiências vividas pela artista, entre os anos de 2016–2018, com as lideranças femininas do Movimento Sem Teto do Centro (MSTC) de São Paulo. O trabalho consiste na modulação das vozes femininas que entoam: “O povo na rua a luta continua... Ei, é seguinte....vamos ouvir. Nós somos uma pessoa só. O nosso intuito aqui é o seguinte é dizer para os governantes que nós estamos cansados de tanta corrupção...Quem não luta tá morto”. Parte do nome da exposição ecoou no espaço expositivo redimensionando a visualidade muda do trabalho. A sala com a instalação sonora de Virgínia de Medeiros, considerando o circuito expositivo, antecedia a apresentação dos vídeos dos integrantes e atuantes membros do MdR cujos conteúdos demonstram antes de tudo as disputas que formam, como já sabemos, aquela memória que não se remove. Os vídeos, que a princípio assinalaríamos como jornalísticos e documentais, tornaram-se, na exposição, arte menor.

A arte menor no contexto de uma curadoria menor celebrou os não-objetos artísticos reatualizando perspectivas historiográficas e atuando nas práticas coletivas de corpos resistentes e políticos. E de modo similar operou na construção de práticas patrimoniais referidas aqui como monumento menor.

Referências

- ANJOS, Moacir dos. *O contraditório: arte, globalização e pertencimento*. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2017.
- ANJOS, Moacir dos. Outras imagens, outros gestos, outras formas de estar juntos. *Revista Traço*, 19. abr. 2019, São Paulo – SP: SP-Arte. Disponível em: <https://www.sp-arte.com/editorial/outras-imagens-outros-gestos-outras-formas-de-estar-juntos/>. Acesso em: 30 jun. 2022.
- COMITÊ POPULAR DA COPA E DAS OLIMPÍADAS DO RIO DE JANEIRO. *Dossiê 2015*. Disponível em: https://br.boell.org/sites/default/files/dossiecomiterio2015_-_portugues.pdf. Acesso em 30 jun. 2022.
- INSTITUTO MARIELLE FRANCO. *Dossiê Marielle Franco*. Disponível em: <https://casomarielleeanderson.org/linha-do-tempo>. Acesso em 15 jan. 2023.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Kafka: por uma literatura menor*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2022.
- FOUCAULT, Michel. Outros espaços In: *Ditos e Escritos III*. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 2001.
- HARTOG, François. *Regimes de Historicidade: presentismo e experiências do tempo*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2019.
- KOSELLECK, Reinhart. *Estratos do Tempo: estudos sobre história*. Rio de Janeiro: Editoras Contraponto, PUC-Rio, 2014.
- MEDEIROS, Virgínia de. *Alma de Bronze [2016-2018]*. Disponível em: <https://virginiademedeiros.com.br/> Acesso em: 20 jun. 2022.
- MUSEU DE ARTE DO RIO. *Arte democracia utopia: quem não luta tá morto*. Disponível em: <http://museudeartedorio.org.br>. Acesso em: 30 jun. 2022.
- MUSEU HISTÓRICO NACIONAL. Disponível em: <http://mhn.museus.gov.br/> . Acesso em: 30 jun. 2022.
- NANCY, Jean-Luc. Imagem, mímeis e méthexis In: ALLOA, Emmanuel. *Pensar a imagem*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2015.
- STAROBISNKI, Jean. *A invenção da liberdade*. São Paulo: Editora Unesp, 2001.

TEIXEIRA, Sandra Maria de Souza; MACENA, Nathalia; MACENA, Maria da Penha; SILVA, Luiz Claudio. *Plano museológico Museu das Remoções*. Disponível em: <https://museudasremoco.es.com/>. Acesso em: 15 ago. 2022

Como citar:

MARTINS, Tatiana da Costa. Fragmentos para o futuro: Artes Visuais e Musealização a partir do Museu das Remoções. *Anais do 42º Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte: Futuros da História da Arte: 50 anos do CBHA*, São Paulo: CBHA, n. 42, p. 754-768, 2022 (2023). ISSN: 2236-0719.

DOI: <https://doi.org/10.54575/cbha.42.060>

Disponível em: <http://www.cbha.art.br/publicacoes.htm>